

Perfil epidemiológico das notificações de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão

Epidemiological profile of notifications of self-harm in the state of Maranhão

¹ Lucas Manoel Oliveira Costa, ² Francisco Rafael de Carvalho, ³ Maxwell Lopes Gomes, ⁴ Célio Pereira de Sousa Júnior, ⁵ Samuel Lopes dos Santos.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever o perfil epidemiológico das notificações de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão entre 2016 e 2021, a fim de fornecer informações valiosas para a elaboração de estratégias de prevenção eficazes. Trata-se de um estudo epidemiológico transversal, descritivo e retrospectivo, com abordagem mista, realizado no período de 2016 a 2021. O artigo tem por área de estudo, o estado do Maranhão. As variáveis utilizadas na pesquisa foram: lesão autoprovocada, sexo, faixa etária, nível de escolaridade e raça. Os resultados mostraram que houve um aumento gradual de lesões autoprovocadas. Com relação à faixa etária, indivíduos com idades entre 10 a 19 anos e 20 a 29 anos foram os grupos mais prevalentes. No que diz respeito às características sociodemográficas, mulheres de cor parda e com ensino fundamental incompleto foram a maioria. Recomenda-se o desenvolvimento de mais estudos sobre o tema, com o objetivo de descrever a realidade das lesões autoprovocadas. O assunto, além de representar um importante problema para a saúde pública, consiste em uma abordagem sensível para a comunidade.

Palavras-chave: Epidemiologia. Perfil de saúde. Tentativa de suicídio.

ABSTRACT

The aim of this study is to describe the epidemiological profile of notifications of self-harm in the state of Maranhão between 2016 and 2021, in order to provide valuable information for drawing up effective prevention strategies. This is a cross-sectional, descriptive and retrospective epidemiological study, with a mixed approach, carried out between 2016 and 2021. The study area is the state of Maranhão. The variables used in the research were: self-harm, gender, age group, level of education and race. The results showed that there was a gradual increase in self-harm. With regard to age group, individuals aged 10 to 19 and 20 to 29 were the most prevalent groups. With regard to sociodemographic characteristics, brown women with incomplete primary education were the majority. Further studies on the subject are recommended in order to describe the reality of self-harm. As well as representing an important public health problem, this is a sensitive issue for the community.

Keywords: Epidemiology. Health profile. Suicide attempt.

¹ Enfermeiro. Graduado no Instituto de Ensino Superior Múltiplo – IESM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7184-2318>. E-mail: enflucasmocosta@gmail.com

² Mestrando em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3479-098X>. E-mail: frcarvalho@ufpi.edu.br.

³ Psicólogo. Graduado pelo Centro Universitário Maurício de Nassau. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3110-0886>. E-mail: maxwell.rh.20@gmail.com.

⁴ Graduando em medicina. Universidade Federal do Pará-UFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0726-0668>. E-mail: academicocelio@gmail.com.

⁵ Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3375-9171%20E-mail:%20samuellopes121314@gmail.com>

1. INTRODUÇÃO

É amplamente reconhecido que as lesões autoprovocadas representam um grave problema de saúde pública, com uma incidência estimada de uma morte a cada 40 segundos em todo o mundo. A cada ano, cerca de 800 mil pessoas tiram suas próprias vidas por meio do suicídio, representando 1,4% do total de mortes em todo o mundo e sendo a 15ª causa de morte. Isso tem um impacto direto na incidência de lesões autoprovocadas, pois para cada suicídio consumado, estima-se que ocorram 20 lesões autoprovocadas, resultando em mais de 16 milhões de lesões autoprovocadas por ano (BAHIA *et al.*, 2020; MIRANDA; SOUSA; LIMA, 2023).

No Brasil, existem dois sistemas utilizados para coletar dados sobre lesões autoprovocadas e notificações de morte por suicídio: o Sistema de Internações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS) e o Sistema de Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA). O SIH/SUS é responsável por registrar dados de morbimortalidade hospitalar relacionados ao SUS, enquanto o VIVA está diretamente ligado à Ficha de Notificação de Violência Autoprovocada disponibilizada ao Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAN) (MOURA *et al.*, 2022).

De acordo com o boletim epidemiológico publicado em 2021, que apresenta os dados mais recentes sobre lesões autoprovocadas no Brasil, houve um aumento de 39,8% nas notificações de violências autoprovocadas em 2019 em comparação com 2018, totalizando 124.709 lesões registradas no país. As mulheres representaram a grande maioria das vítimas de lesões autoprovocadas, com 71,3% do total de registros (BRASIL, 2021).

Existem vários fatores que contribuem para o aumento e manutenção de lesões autoprovocadas e tentativas de suicídio, sejam elas efetivas ou não. De acordo com Sousa *et al.* (2021), os principais agravantes incluem problemas financeiros, dificuldades de acesso aos serviços de saúde, influência da mídia, acesso facilitado a medicamentos e armas brancas, violência, relações conflituosas e fatores biopsicológicos.

Devido às grandes extensões territoriais do Brasil, bem como sua diversidade cultural e diferenças sociodemográficas entre suas regiões, é de suma importância identificar os fatores de risco regionais que impulsionam o comportamento de autolesão. Conhecer as particularidades regionais e/ou estaduais pode auxiliar na promoção de políticas públicas específicas e diretrizes de prevenção, impactando diretamente na

redução da mortalidade por suicídio resultante de lesões autoprovocadas (MEIRE *et al.*, 2019).

A região nordeste do Brasil apresenta um alto índice de lesões autoprovocadas, conforme apontado por Lemos, Jorge e Linard (2021). No entanto, ainda há uma escassez de estudos que investiguem as motivações regionais para essa alta incidência nos estados do nordeste. Portanto, é importante realizar pesquisas que possam fornecer informações sobre as particularidades regionais e/ou estaduais que possam auxiliar na promoção de políticas públicas específicas e diretrizes de prevenção.

Com base nessa justificativa, o objetivo deste estudo é descrever o perfil epidemiológico das notificações de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão entre 2016 e 2021, a fim de fornecer informações valiosas para a elaboração de estratégias de prevenção eficazes.

2. METODOLOGIA

Este é um estudo epidemiológico transversal, descritivo, realizado no período de 2016 a 2021 visando analisar os resultados mais atuais acerca da temática. Para viabilizar a pesquisa, foram utilizados dados secundários a partir das fichas de notificação compulsória disponíveis no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) via Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS-TABNET), sobre lesões autoprovocadas.

Neste contexto, é importante destacar que os estudos transversais são capazes de analisar e descrever a proposta de estudo dentro do período estabelecido, sem a necessidade da presença dos pesquisadores no momento do ocorrido. Isso permite uma maior captação de amostras para análise e comparação, além de possibilitar a identificação dos índices de prevalência e incidência da temática em questão. Além disso, os estudos descritivos são úteis para caracterizar os fenômenos e relacionar variáveis para uma melhor compreensão dos dados coletados ⁽⁹⁾.

O presente artigo tem por área de estudo o estado do Maranhão, localizado na região Nordeste do Brasil, é o segundo maior estado da região e o oitavo maior do país, com uma área de 329.651,496 km² e uma população estimada em 7.153.262 pessoas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), a população do estado é composta principalmente por pessoas entre 10 e 14 anos de idade (ROMANOWSKI; CASTRO; NERI, 2019).

As variáveis utilizadas nesta pesquisa incluem lesão autoprovocada, sexo (masculino, feminino), faixa etária (Menor de 1 ano, 1 a 9 anos, 10 a 19 anos, 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, 60 anos e mais, ignorado/branco, nível de escolaridade (analfabeto, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, ensino superior incompleto, ensino superior completo e ignorado/branco/não se aplica), cor/raça (branca, preta, amarela, parda, indígena e ignorado/em branco), Região de Saúde (CIR) de residência, caracterização da ocorrência (ocasionadas por objetos perfurocortantes, suspeita de uso de álcool, envenenamento, arma de fogo e outros meios).

Estas variáveis foram selecionadas com base na disponibilidade de informações no banco de dados do DATASUS/TABNET, na seção “epidemiológicas e morbidade”, sobre “Doenças e Agravos de Notificação de 2007 em diante (SINAN)”, no agravo de “Violência interpessoal/autoprovocada”.

Os dados da amostra foram coletados após a aplicação de filtros para cada uma das variáveis selecionadas. Em seguida, os mesmos foram tabulados, separados e analisados usando o software Microsoft Excel® 2019. Isso permitiu uma análise detalhada e precisa das informações coletadas. É importante destacar que a coleta de dados utilizada neste estudo é realizada por serviços de saúde públicos ou privados, que enviam as informações para as secretarias municipais de vigilância epidemiológica em até sete dias, pois se trata de uma notificação compulsória semanal, conforme estabelecido pela Portaria nº 1.102, de 13 de maio de 2022 (BRASIL, 2022).

Como este estudo é baseado em dados secundários provenientes do Ministério da Saúde, não é necessário elaborar um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou submeter o estudo à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Esta pesquisa segue as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa em Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), conforme estabelecido pela Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012 e alinhado com a Resolução nº 510 de 2016, que destaca os princípios envolvidos nas pesquisas com seres humanos.

3. RESULTADOS

Este estudo analisou os casos de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão entre 2016 e 2021, utilizando dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN/NET). Foram identificados 4.081 casos confirmados de lesões autoprovocadas

nesse período, com uma variação anual no número de ocorrências. Os anos de 2016, 2017 e 2018 registraram 227, 297 e 465 casos, representando 6%, 7% e 11% do total, respectivamente. O ano de 2019 apresentou o maior número de casos (1.241), correspondendo a 30% do total, seguido pelos anos de 2020 (1.040) e 2021 (811), com 25% e 20%, respectivamente (Tabela 1).

Observa-se ainda na tabela 1 um padrão variável no número de casos ao longo dos anos. Em 2016, foram 227 casos notificados, que aumentaram para 297 em 2017. No ano seguinte, 2018, houve um novo aumento para 465 casos. No entanto, o aumento mais significativo ocorreu em 2019, com um salto substancial para 1.241 casos, representando um forte aumento de lesões autoprovocadas durante esse ano. Posteriormente, o número de casos diminuiu em 2020 para 1.040 e diminuiu ainda mais para 811 em 2021.

Tabela 1. Distribuição da frequência anual dos casos de lesão autoprovocada segundo ano de notificação no estado do Maranhão, 2016 a 2021.

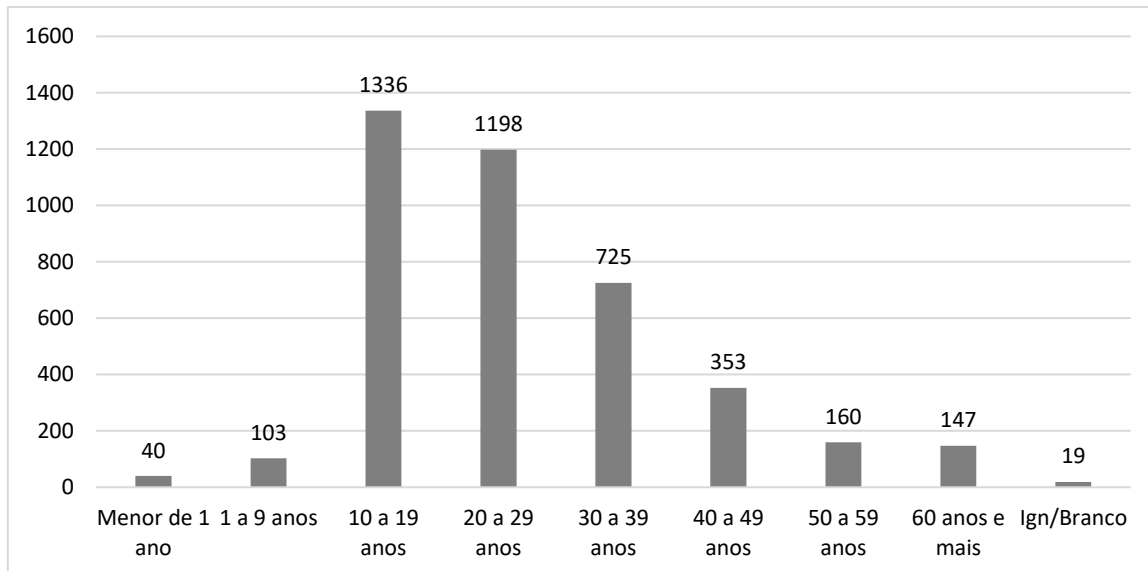
Frequências	Anos de notificação					
	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Absoluta	227	297	465	1.241	1.040	811
Relativa	6%	7%	11%	30%	25%	20%

Fonte: adaptado do SINAN/NET.

Segundo os dados analisados, a faixa etária que apresentou maior incidência de lesões autoinfligidas foi a de 10 a 19 anos, com 1.336 casos registrados. Em seguida, a faixa de 20 a 29 anos, com 1.198 casos. As demais faixas etárias tiveram números menores de casos, sendo 725 para 30 a 39 anos, 353 para 40 a 49 anos, 160 para 50 a 59 anos e 147 para 60 anos ou mais.

Chama a atenção o fato de que 40 crianças com menos de um ano de idade também foram vítimas de lesões autoinfligidas, o que evidencia a necessidade de intervenção precoce e apoio psicossocial. Além disso, houve 19 casos em que a idade foi ignorada ou classificada como "preenchimento em branco" (Figura 1).

Figura 1. Distribuição dos casos de lesão autoprovocada segundo a faixa etária, estado do Maranhão, 2016 a 2021.



Fonte: adaptado do SINAN/NET.

No que diz respeito aos aspectos sociodemográficos, no período analisado, as lesões autoinfligidas no Maranhão foram mais prevalentes no sexo feminino, representando 67% dos casos registrados (2.749), enquanto o sexo masculino correspondeu a 33% (1.332). Em relação à raça/cor, a maior parte dos casos (70%) ocorreu entre indivíduos pardos (2.864), seguidos pelos brancos (17%, 705) e pelos negros (10%, 403). As demais categorias (amarela, indígena e ignorado/branco) somaram cerca de 3% dos casos (Tabela 2).

De acordo com a Tabela 2, quanto à escolaridade, os indivíduos com ensino fundamental incompleto (21%, 869) e com ensino médio incompleto (19%, 791) foram os mais acometidos por lesões autoprovocadas. Em seguida, os indivíduos com ensino médio completo (14%, 555) e com ensino superior incompleto (5%, 219). As menores frequências foram observadas entre analfabetos (2%, 92), indivíduos com ensino fundamental completo (11%, 446), com ensino superior completo (4%, 167) e com situação ignorada/preenchimento em branco/não se aplica (23%, 942).

Tabela 2. Frequência absoluta e relativa dos casos de lesão autoprovocada segundo variáveis sociodemográficas no estado do Maranhão, 2016 a 2021.

Variáveis sociodemográficas	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sexo		
Feminino	2749	67%
Masculino	1332	33%
Cor/Raça		
Branca	705	17%
Preta	403	10%
Amarela	31	1%
Parda	2864	70%
Indígena	25	1%
Ignorado/Branco	53	1%
Escolaridade		
Analfabeto	92	2%
Ensino Fundamental Incompleto	869	21%
Ensino Fundamental Completo	446	11%
Ensino Médio Incompleto	791	19%
Ensino Médio Completo	555	14%
Ensino Superior Incompleto	219	5%
Ensino Superior Completo	167	4%
Ignorado/branco/não se aplica	942	23%

Fonte: adaptado do SINAN/NET.

Tendo por base a tabela 03, percebe-se a distribuição das notificações de violência autoprovocadas entre os municípios, inferindo-se que as cidades com maiores prevalências de notificações foram a capital São Luís com 1.339 casos (32,81%), seguida por Imperatriz (15,22%), além de Balsas e Caxias, com 315 registros, cada (7,72%). Os dados indicam que as cidades com menor índice de notificação foram Açailândia e Rosário com 30 casos cada, perfazendo 0,74% de notificações.

Tabela 3. Distribuição da frequência das notificações de lesão autoprovocada segundo municípios do estado do Maranhão, 2016 a 2021.

Municípios	Anos de notificação						Total
	2016	2017	2018	2019	2020	2021	
Açailândia	02	04	04	05	10	05	30
Bacabal	02	04	13	30	16	50	115
Balsas	04	37	36	149	64	25	315
Barra do Corda	03	06	10	20	10	121	170
Caxias	44	25	54	89	55	48	315

Chapadinha	05	11	08	20	19	14	77
Codó	10	13	11	61	53	44	192
Imperatriz	79	59	37	178	167	101	621
Itapecuru Mirim	06	09	19	26	20	20	100
Pedreiras	02	08	09	14	15	14	62
Pinheiro	02	08	01	14	50	48	123
Presidente Dutra	04	02	08	07	09	15	45
Rosário	04	07	03	05	07	04	30
Santa Inês	02	15	09	21	16	15	78
São João dos Patos	02	07	09	17	14	08	57
São Luís	27	38	188	514	372	200	1.339
Timon	21	23	25	48	126	46	289
Viana	05	15	06	18	10	21	75
Zé Doca	03	06	15	05	07	12	48
Total	227	297	465	1.241	1.040	811	4.081

Fonte: adaptado do SINAN/NET.

Em relação à caracterização das principais causas das lesões autoprovocadas, observou-se dentro da série temporal uma maior prevalência de notificações relacionadas ao envenenamento das vítimas (n= 1.626), com maior número de registros no ano de 2019. Outro ponto a se observar é acerca da influência do álcool no cenário da ocorrência, estando presente em 16,30% dos casos notificados.

Tabela 4. Caracterização das ocorrências registradas no Maranhão de 2016 a 2021.

Caracterização das ocorrências registradas	Anos de notificação						Total	(%)
	2016	2017	2018	2019	2020	2021		
Objetos perfurocortantes Suspeita de uso de álcool	29	53	122	326	231	155	916	22,45
Envenenamento	68	88	188	646	386	250	1.626	39,84
Arma de fogo	09	16	20	25	33	24	118	02,89
Outras lesões	74	63	71	102	199	238	747	18,30

Fonte: adaptado do SINAN/NET.

4. DISCUSSÃO

O aumento de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão, observado no presente estudo, representa um importante problema de saúde para a região. Os casos notificados seguiram a tendência nacional de crescimento entre 2016 e 2019, sendo 2019 o ano com maior número de registros (PAIXÃO *et al.*, 2021). Esse cenário é compatível com o estudo de Nacamura *et al.*, (2022), que apontou uma tendência crescente de mortalidade por tentativa de suicídio em todas as regiões do Brasil, com alto coeficiente de determinação, nesse período. Por outro lado, houve uma redução das notificações nos anos de 2020 e 2021, possivelmente relacionada à mudança no padrão de busca pelos serviços de saúde e à diminuição das notificações ao DATASUS durante a pandemia de COVID-19 (LEVANDOWSKI *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2021)

O estudo em questão analisou a população que apresentou atos de autoagressão segundo o grupo etário. A maioria dos casos ocorreu entre 10 e 19 anos de idade, seguida pela categoria de 20 a 29 anos. Esses dados divergem do perfil nacional, que indica o intervalo de 20 a 29 anos como o mais frequente nas notificações desse tipo de comportamento no Brasil (PAIXÃO *et al.*, 2021; FATTAH; LIMA, 2020).

Uma possível explicação para essa diferença é que a adolescência é uma fase da vida marcada por conflitos emocionais, sociais e familiares, que podem levar ao sentimento de não pertencimento, ao imediatismo e à fragilidade das relações interpessoais. Esses fatores podem contribuir para a baixa capacidade de lidar com decisões difíceis, o comportamento antissocial e a intolerância à frustração, que podem desencadear atos de autoagressão (RIBEIRO *et al.*, 2018; ARAGÃO; MASCARENHAS, 2022).

Por outro lado, de acordo com o estudo de Paixão *et al.*, (2021), os indivíduos com 20 a 29 anos de idade estão mais propensos à autolesão devido à situação socioeconômica vivenciada no país, uma vez que é a parcela da população que está mais atrelada a menores expectativas de crescimento profissional por causa do aumento do desemprego. Dessa forma, o estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre as lesões autoprovocadas em diferentes contextos e grupos sociais, bem como para subsidiar políticas públicas voltadas para a promoção da saúde mental e da qualidade de vida dessas pessoas.

Além disso, o estudo de Ribeiro *et al.*, (2018) revela a importância de se compreender as características e os motivos desse fenômeno na população adolescente, bem como de se desenvolver estratégias de prevenção e intervenção adequadas a esse público.

No estudo atual, foi verificado que o gênero feminino apresentou uma superioridade significativa em relação ao biótipo. Esse achado é corroborado por Santos *et al.*, (2022), que em um estudo epidemiológico realizado no estado do Piauí entre 2018 e 2020, obtiveram resultado semelhante, considerando um número amostral de 3.757 registros, mais de 60% dos praticantes eram do sexo feminino. Além disso, o estudo de Silva *et al.*, (2021), intitulado “Perfil epidemiológico das notificações de lesão autoprovocada no Acre de 2009 a 2017” realizado no estado do Acre, também evidenciam o sexo feminino como superior na prática de lesão autoprovocada (SILVA *et al.*, 2021).

No estudo descrito, foi observado que, em relação à cor/raça e escolaridade, indivíduos pardos e brancos, com escolaridade ignorada (19,48%) e ensino fundamental incompleto (21%), foram superiores em relação aos demais. Quanto aos achados supracitados, observa-se em outro estudo a cor parda também é predominante no número de registros. Em relação à escolaridade, os resultados corroboram os achados de outro estudo epidemiológico realizado no estado do Piauí, que evidencia a escolaridade a nível de ensino fundamental incompleto como o mais identificado nos registros de lesão autoprovocadas (SILVA *et al.*, 2021; SANTOS *et al.*, 2021).

Acerca da caracterização das ocorrências, envenenamento e a utilização de objetos perfurocortantes foram os mais utilizados pelos acometidos para as lesões autoprovocadas, assim como o encontrado por Rodrigues *et al.*, (2020) em seu estudo sobre o perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas no Estado de Goiás. Nesse contexto, o estudo de Brito *et al.*, (2021), que investigou os meios utilizados por adolescentes nas regiões brasileiras para violência autoprovocada, apontou maior número de lesões autoprovocadas por envenenamento nessa categoria etária na maioria das regiões, seguido pela utilização de objetos perfurocortantes, principalmente na região nordeste.

Dentre as limitações enfrentadas pelos pesquisadores na condução do estudo, destaca-se a escassez de estudos voltados para a temática, principalmente atuais (dos dois últimos anos), que possibilitassem uma discussão do cenário atual. Portanto, recomenda-se o desenvolvimento de estudos sobre o tema, com o objetivo de descrever a realidade das lesões autoprovocadas. O assunto, além de representar um importante problema para

a saúde pública, consiste em uma abordagem sensível para a comunidade e precisa de visibilidade e medidas de suporte e intervenção.

Conclui-se que essas informações podem ser utilizadas pelas autoridades de saúde pública para desenvolver medidas de suporte e intervenção voltadas para esses grupos mais vulneráveis. Além disso, a recomendação para o desenvolvimento de mais estudos sobre o tema pode ajudar a entender melhor a realidade das lesões autoprovocadas e a desenvolver estratégias mais eficazes para preveni-las. Portanto, o estudo tem aplicações práticas importantes para a promoção da saúde e prevenção de lesões autoprovocadas na população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo descrever o perfil epidemiológico das notificações de lesões autoprovocadas no estado do Maranhão entre 2016 e 2021. Os resultados mostram que houve um aumento gradual de lesões autoprovocadas no estado durante o período analisado, indicando que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Os casos de lesões autoprovocadas aumentaram em conformidade com os anos, respectivamente: 6%, 7%, 11%, 30%, 25% e 20%. Porém, nos anos de 2020 e 2021, notou-se que houve uma certa diminuição, possivelmente associada aos impactos da pandemia de COVID-19.

Com relação à faixa etária, indivíduos com idades entre 10 a 19 anos e 20 a 29 anos foram os grupos mais prevalentes. No que diz respeito às características sociodemográficas, mulheres de cor parda e com ensino fundamental incompleto foram a maioria.

Assim, recomenda-se o desenvolvimento de mais estudos sobre o tema, com o objetivo de descrever a realidade das lesões autoprovocadas. O assunto, além de representar um importante problema para a saúde pública, consiste em uma abordagem sensível para a comunidade e precisa de visibilidade e medidas de suporte e intervenção.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, C. M. C.; MASCARENHAS, M. D. M. Tendência temporal das notificações de lesão autoprovocada em adolescentes no ambiente escolar, Brasil, 2011-2018. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, Teresina, v. 31, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742022000100028>. Acesso em: 14 set. 2023.

BAHIA, C. A. *et al.* Notificações e internações por lesão autoprovocada em adolescentes

no Brasil, 2007-2016. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, v. 29, n. 2, 2020. Disponível em: <https://10.5123/S1679-49742020000200006>. Acesso em: 12 set. 2023

BRASIL. Gabinete do Ministro. Portaria nº 1.102, de 13 de maio de 2022. **Ministério da Saúde**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2022/prt1102_16_05_2022.html. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde. **DATASUS**. Disponível em: <https://datasus.saude.gov.br/sobre-o-datasus>. Acesso em: 26 abr. 2023.

BRASIL. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico: Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. **Ministério da Saúde**. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 12 set. 2023.

BRITO, F. A. M. *et al.* Violência autoprovocada em adolescentes no Brasil, segundo os meios utilizados. **Cogitare Enfermagem**, Maringá, v. 26, n. 01, p. 01-12, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.76261>. Acesso em: 14 set. 2023.

FATTAH, N.; LIMA, M. S. Perfil epidemiológico das notificações de violência autoprovocada de 2010 a 2019 em um estado do sul do Brasil. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 65–74, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.166310>. Acesso em: 14 set. 2023.

IBGE. Censo Brasileiro de 2021. Maranhão: **IBGE**, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/panorama>. Acesso em: 26 abr. 2023.

LEMOS, A. M.; JORGE, M. S. B.; LINARD, C. F. B. M. Perfil do suicídio em um estado do nordeste brasileiro. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e45410212598, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12598>. Acesso em: 12 set. 2023.

LEVANDOWSKI, M. L. *et al.* Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de saúde publica**, Rio Grande do Sul, v. 37, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00140020>. Acesso em: 14 set. 2023.

MEIRA, S. S. *et al.* Hospitalizações por lesões autoprovocadas intencionalmente na Bahia, Brasil. **Revista Baiana Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 70–88, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2019.v43.n1.a3035>. Acesso em: 12 set. 2023.

MIRANDA, M. C. L. B.; SOUSA, J. G.; LIMA, M. B. Perfil epidemiológico de lesões autoprovocadas no Estado do Piauí entre 2017 e 2021. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 4, p. e23812441124, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i4.41124>. Acesso em: 12 set. 2023.

MOURA, J. C. F. *et al.* Tendência de mortalidade por lesões autoprovocadas em adolescentes, 2010 a 2018. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 27, p. 68–80, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.19131/rpesm.325>. Acesso em: 12 set. 2023.

NACAMURA, P. A. B. *et al.* Mortalidade Por lesões autoprovocadas: Análise DE tendência. **Enfermagem em Foco**, Maringá, v. 13, n. 01, p. 01-08, 2022. Disponível em: <https://enfermfoco.org/article/mortalidade-por-lesoes-autoprovocadas-analise-de-tendencia/>. Acesso em: 14 set. 2023.

PAIXÃO, B. T. A. DA *et al.* Suicídio e lesões autoprovocadas: análise do perfil epidemiológico e prevalência dos casos no Brasil entre 1996 e 2019. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 8, p.01-11, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e8583.2021>. Acesso em: 12 set. 2023.

RIBEIRO, N. M. *et al.* Análise da tendência temporal do suicídio e de sistemas de informações em saúde em relação às tentativas de suicídio. **Texto & contexto enfermagem**, Minas Gerais, v. 27, n. 2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-070720180002110016>. Acesso em: 14 set. 2023.

RODRIGUES, M. DE F. *et al.* Comportamento suicida: o perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas no Estado de Goiás. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás “Cândido Santiago”**, Goiás, v. 06, n. 02, p. 01-15, 2020. Disponível em: <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/216/17>. Acesso em: 14 set. 2023.

ROMANOWSKI, F. N.A.; CASTRO, M.B.; NERIS, N.W. Manuais de tipos de estudos. **Repositório Institucional AEE**, v. 01, n. 01, p. 01-39. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/15586>. Acesso em: 12 set. 2023.

SANTOS, S. L. *et al.* Estudo Retrospectivo do perfil epidemiológico das lesões autoprovocadas no estado do Piauí entre 2018 a 2020. **Brazilian Journal of Development**, Teresina, v. 7, n. 8, p. 77295–77306, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv7n8-105>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, A. I. *et al.* Análise histórica de óbitos por lesões autoprovocadas intencionalmente no Estado do Paraná segundo dados do DATASUS. **Research, Society and Development**, Maringá, v. 10, n. 11, p. 01-14, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20001/17850>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA, M. F. D. *et al.* Perfil epidemiológico das notificações de lesão autoprovocada no Acre de 2009 a 2017. **Brazilian Journal of Health Review**, Acre, v. 4, n. 2, p. 6321–6333, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-186>. Acesso em: 14 set. 2023.

SOUSA, N. T. B. *et al.* Preditores de recorrência de lesões autoprovocadas e de óbitos por suicídio em um estado brasileiro. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 2, p. e4110212142, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12142>. Acesso em: 12 set. 2023.